



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envolvente autorizado par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

7 de Dezembro de 1996 • Ano LIII — N.º 1376
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 • FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Visitantes

EIS uma instituição que em todas as nossas Casas, e mais intensamente nesta de Paço de Sousa, brota do nosso ser de «Porta Aberta». Prezamo-la muito, sobretudo quando são grupos motivados pelo interesse de conhecer mais do que aquilo que se vê, para os quais a componente passeio se dilui na intenção mais profunda com que nos procuram.

Acaba de sair do escritório de Pai Américo um professor em uma cidade do centro-norte do País que gostaria de trazer os seus alunos na próxima Primavera e de os preparar para uma visita que não fosse mera etapa de uma volta turística. Por isso aqui veio com tempo para se preparar ele mesmo.

Pelo telefone ou por carta somos frequentemente abordados de várias escolas ou organizações paroquiais com semelhante proposta.

Sempre que tal nos é dado, recomendamos esta preparação.

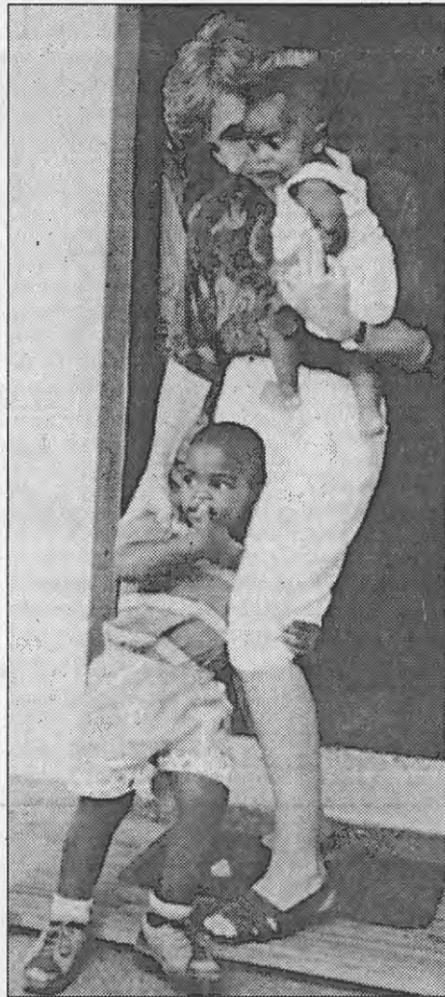
São visitas à semana que dão a oportunidade de apanhar em flagrante a nossa vida. O domingo é o dia mais característico numa Casa do Gaiato: oficinas fechadas, campo parado, tarefas domésticas reduzidas ao mínimo, os rapazes dispersos. É o dia mais característico e também o mais pesado, muitas vezes, justamente por causa de visitantes. É que muitos deles vêm por simpatia, sim, mas também no desconhecimento do que somos, na falsa mente dos «coitadinhos» que vêm ver e ajudar — e atropelam gravosamente os nossos princípios de vida comunitária em que tudo é de todos e para todos, sem «bonitos» nem «feios», sem benefícios individualizantes que não têm cabimento numa família em que todos são irmãos

e, até, o merecimento de cada um não é do conhecimento de quem individualiza os seus dons. Alguns parece mesmo que vêm em estilo de jardim zoológico, aonde se leva amendoins para gozar os macaquinhos a comê-los ou se põe a moeda na tromba do elefante para o ver tocar o sino.

É rara a segunda-feira sem problemas digestivos entre os nossos pequenos. Aparecem visitantes que, na distribuição de gulodices, originam uma bicha com as naturais desordens. Acontece, às vezes, que vamos dar com um rapaz que estava vestido e calçado e agora traz outra roupa que alguém lhe vestiu.

São intromissões atrevidas ditadas por uma falsa piedade que da parte do *piadoso* é mais uma procura de si próprio que daquele a quem ele julga fazer bem.

Continua na página 4



«Batatinhas» da Casa do Gaiato de Maputo

BENGUELA

Falar de Independência sem a Paz?

11 DE NOVEMBRO, dia da Independência. Angola está a celebrar o aniversário da sua Independência. São 21 anos. Nasceu ao som de cantares e do troar de canhões. Viveu, até há pouco tempo, em guerra fratricida tão violenta que semeou ruínas humanas e materiais por toda a parte. Que contradição!, a Independência foi a porta por onde entrou a miséria que tem dominado o seu povo. E não devia ser! Devia, antes, ser a porta para a vida.

Ligado à Independência está o direito à felicidade. Um povo é feliz quando tem espaço para ser ele mesmo, com a realização do que há de mais profundo em si, a começar pela liberdade. O povo realiza-se na paz, na justiça e no amor fraterno. O que se dá com a pessoa dá-se, de igual modo, com um povo. Não tem sido assim a era da Angola independente.

Está a ser muito falado a nível oficial, sobretudo, o projecto da vida nova, da Angola nova. Projectos novos só com homens novos, de coração novo, identificados com a vida do povo. Quem dera esta linguagem seja tomada a sério por governantes e governados! É que os vícios são tão profundos!...

Perguntamos, de vez em quando, se acreditamos na mudança. Que sim, respondemos. Doutra modo, não tinha razão de ser o trabalho que estamos a fazer. É um perigo, sem dúvida, trabalhar sem esperança. Corre-se o risco de pensar apenas na colheita, sem dar tempo necessário à sementeira para germinar. Não será isto mesmo que acontece com tantos projectos que, dum momento para o outro, surgem como cogumelos e, pouco tempo depois, já não existem?

O dia da Independência, é chamado na liturgia o Dia de Angola. Tem leituras próprias, com mensagem diferente da dos políticos, a única capaz de pôr o povo no caminho da liberdade e da paz; da justiça e do amor fraterno; bases sólidas da verdadeira Independência: «*Revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente — se alguém tem razão de queixa contra o outro...*», Coloss. 3, 12.

Estes são os pressupostos da paz verdadeira: o perdão e a reconciliação. Como poderemos falar, a sério, de Independência sem a Paz?

Crianças da Rua

HÁ DIAS, perguntaram-me o que pensava das Crianças da rua e seu futuro. O problema destas, é de ordem familiar, no geral. A resposta passa pela família. Se não há família natural capaz, tem que aparecer outra, vocacionada para educar estes filhos.

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Cheiro nauseabundo

JÁ há tempo nos tinham anunciado a situação miserável daquele bairro de barracas. Muitas centenas construídas de tábuas velhas, latas e plásticos, a ladear os dois lados do rio para onde correm os esgotos durante o ano e a água da chuva quando cai. Naquela tarde soalheira o cheiro era nauseabundo, como sempre.

Fomos até lá, guiados pela devoção e carinho das Irmãzinhas. Entrámos num carreiro muito estreito e introduzimo-nos na primeira porta entreaberta. Estava a mãe de família. Criou oito filhos e agora ajuda a criar os netos. É muito doente do coração, mas a vida não pode parar. O marido ficou inválido dum desastre. O barracão que habitam foi feito por etapas. O tecto é coberto com materiais diferentes que não se ajustam. Parte ainda está por cobrir. Não conseguiram forrar. Quando chove, põem plásticos a colher a água. As camas estavam arrumadas. O compartimento que faz de cozinha tem lareira onde todos se juntam. Pobreza sem ser miséria. Deixámos pequena ajuda para tapar alguns buracos e despedimo-nos.

Tomámos novo carreiro. As ruas são, todas elas, estreitos carreiros de lama quando chove.

Entrámos noutra barraca. Uma cortina agasalha a porta. O interior arrumado é airoso. Os donos, de agora, viveram muitos anos na toca numa pedreira à mistura com cobras e outros bichos. Ele está reformado por invalidez e ela é de nacionalidade espanhola. Juntaram-se, há anos, e agora pensam casar. Já se sentem muito felizes pela barraquinha que lhes deram. As Irmãzinhas têm-lhes dado do que lhes dão.

Entrámos noutras barracas. Umas com aspecto de abandono e sujidade. Outras limpas e ordenadas. Os acessos não ajudam à limpeza e ao viver. Ficámos com a impressão de que estamos em campo de mártires. Há pequeninos terreiros cultivados com hortas verdejantes.

Saboreámos a vida acolhedora daquele chefe de família que está a construir, também, um bairro de barracas ao lado. Criou quinze filhos e procura ajudar cada um que vai casar a construir a sua. Agora começaram a aparecer familiares sem habitação. Este homem acolhe todos. Os materiais aparecem. Novas barracas são erguidas. A encosta onde só havia uma,

hoje há dezenas delas. Autêntico exemplo de fraternidade cristã.

Cada vez nos convencemos mais de que estamos a viver numa sociedade muito egoísta. Cada um trata de si e os outros que se governem. Cada um tem a sua vida e cuidados que lhe bastam.

A volta de todas estas barracas levantaram edifícios modernos. Alguns com aspecto de muito luxo. Uma aldeia nova a fazer-se grande. Não faço ideia do que sentirão os seus habitantes com os vizinhos abarracados na miséria. Podemos cair no estado de insensibilidade à vida dos Outros. Deus nos livre. Estejamos atentos!

Padre Horácio



O seco ribeiro, que passa entre centenas de barracas, exala um cheiro nauseabundo!

Conferência de Paço de Sousa

LIÇÃO DE PROBIIDADE

— A mãe estava com os filhos, um deles ao colo. Ela tem um aspecto taciturno, de quem sofre e precisa de força para amenizar a cruz da vida.

Oportunamente comprámos livros para os seus miúdos que frequentam a Escola, pois o subsídio oficial demora sempre, só é entregue quando há verba regularizada pela burocracia. Por isso, os alunos mais pobres e aplicados sofrem grande humilhação nos primeiros dias ou meses de aulas por não terem material escolar.

No encontro com aquela mãe, para nosso espanto, ela saca um cheque da sua carteirita:

— É o subsídio da Escola. Seria prós livros dos meus filhos — que V. já compraram. Este dinheiro é da Conferência.

Exultámos com a atitude desta mulher simples, no limiar da Miséria!

— Agora, vá ao Banco, pelo seu pé, descontar o cheque (como cidadã de primeira, guardámo em nosso coração...). E governe bem a importância, pois sabemos das suas dificuldades para criar os filhos.

Arregalou os olhos com um leve sorriso, ficando tão sensibilizada que deu graças a Deus, a sen jeito, a seu modo.

Lição de probidade!

PARTILHA — Assinante 60788, do Porto:

«É um pequeno contributo (oito mil escudos) para as necessidades que a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, tem de acudir aos Pobres. Se Deus quiser, enviarei mais para o Natal».

Assinante 57002, de Senhora da Hora:

«Envio um cheque de quinze mil, meu pequeno óbolo do mês de Novembro. Com o Inverno a chegar, todas as ofertas serão poucas para minorar o sofrimento e as necessidades de tantos dos nossos Irmãos carenciados. O Senhor nos ajude a sermos menos egoístas e mais solidários para com os que sofrem. Não precisam de agradecer. Só peço uma oração,

Pelas CASAS DO GAIATO

extensiva aos meus familiares».

Chegou uma remessa da Praceta Assis Esperança, de Faro. Mais outra, por cheque, da assinante 14493, do Porto, «referente ao mês de Novembro, sabendo de antemão que é uma pequena ajuda para tantas necessidades que aparecem».

Assinante 64598, de Faro:

«Envio um donativo para auxílio dos mais pobres e necessitados, que junto de vós procuram alívio para o sofrimento. Sou um jovem que acredita em Deus e na fraternidade entre os homens.»

Assinante 31104, de Lisboa:

«Com as mesmas intenções de sempre, que nesta altura do ano se tornam mais profundas, remeto cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Que Deus me dê forças para suportar a minha cruz. Peço as vossas orações.»

Fecha a coluna «uma portuense qualquer», há muitos anos também presente nesta precisão, com «a migalhinha de Novembro e Dezembro/96. Se Deus quiser, no próximo ano, continuarei a enviar estas pequenas ofertas (por vale do correio), cheias de carinho e amor».

É assim a Caridade!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRESEPIOS — Já começaram a ser feitos em algumas casas!

E que bonitos estão! Foram preparados com muito gosto.



Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: novo edifício escolar.

Não faltam os reis magos e o Menino Jesus — que nos deu muito gosto a enfeitar.

MAGUSTO — Em 16 de Novembro foi o magusto em nossa Casa.

Uma festa bem alegre para a comunidade e alguns antigos gaiatos que recordaram momentos que passaram, há anos.

JORNAL — É expedido um pouco atrasado porque os rapazes estão a aprender a manejar a máquina de plastificar...

Rui Pinto

SERRALHARIA — Estão a fazer, por lá, uma limpeza geral. E já tem um novo encarregado — o Mendão.

AUSÊNCIA — O nosso chefe-maioral e o irmão regressaram a casa. Custa saber que uns grandes e bons amigos se foram embora de nossa Casa.

Ele, o chefe, ajudava o nosso Padre Carlos quando se ausentava. Espero que se sintam felizes, lá; como se sentiram aqui.

Adão Vaz Furtado

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A parte da casa nova, em construção, já tem telhado e paredes levantadas. A nossa sala de jantar está nos retoques finais.

AGRICULTURA — A azeitona é apanhada conforme podemos, pois o tempo nem sempre é bom e são poucos os estudantes que as apanham.

ESTUDANTES — Está prestes a acabar o primeiro período, e eles ansiosos por que chegue o Natal. Mas, primeiro, têm que pensar no estudo...

FESTA — Os rapazes andam muito ocupados com o ensaio para a festa do Natal — que tanto esperamos.

SERRALHARIA — Procederam à pintura das mesas velhas

que servirão na sala de jantar até as novas estarem prontas.

CARPINTARIA — Aqui, fazem os acabamentos das portas e janelas da sala de jantar e começam a fazer as mesas novas e os bancos para aquela sala, depois de reconstruída.

DESPORTO — Por motivo das obras que estão a decorrer, o campo de futebol está impraticável. Quando ficar em ordem, daremos notícia.

TOJAL

OBRAS — Continuam por todo o lado. Mas a nova camarata dos tropas está quase pronta.

AZEITONA — A sua apanha terminou e concluímos que não foi o pior ano. Por isso, graças a Deus!

FUTEBOL — Ultimamente tivemos a oportunidade de

jogar com algumas equipas de fora; isto, falando dos mais velhos porque os mais novos não tiveram a mesma sorte, uma vez que não apareceu ninguém da mesma idade para os pôr à prova.

ENSAIOS — Começaram para a festa do Natal. Agora só queremos ver o que é que o nosso esforço e coragem vão dar...

Arnaldo Santos

Crónica do Lar do Porto

Era uma vez o Lar do Gaiato do Porto. A história poderia começar assim, mas não seria justo, uma vez que não se trata de nenhum conto de fadas. Contudo, poderemos dizer que o Lar do Porto voltou a funcionar, há três anos, para aqueles que desejam estudar e demonstrar capacidade intelectual.

A reabertura do nosso Lar motivou que os nossos rapazes, a partir do sexto ano, fossem estudar para a Invicta. É claro que todos sentiram e sentem essa mudança; mas, no seu historial, quase se não verificam casos de «chumbos», excepto um ou dois. Não há tempo para brincadeiras...!

Actualmente somos catorze alunos da Escola Oliveira Martins, um da Aurélia de Sousa e outro frequenta um curso profissionalizante na CICCOPN.

As coisas têm corrido bem. Como nos encontramos próximo do final do primeiro período, esperamos que os resultados também sejam bons.

Daniel («Cenoura»)



Depois do banho levam a roupa para a lavandaria, no típico carro de mão.

VISTAS DE DENTRO

Manhã de sábado numa Casa do Gaiato

CONSOLO-ME a viver a manhã de sábado, especialmente nesta Casa, onde agora me encontro.

O levantar, em nossas Casas, é uma hora mais tarde

que nos outros dias. Tomado o pequeno-almoço, todos são distribuídos. Os pequenitos para o jardim infantil. O grupo dos pequenos vai, com o chefe, apanhar algum lixo nas ruas e largos. Melhor limpeza em toda a Casa. Lavagem de paredes da cozinha e copa. Arrumar bem a despensa. Escadotes com alguns em cima a lavar

vidros. Limpeza mais cuidada dos estrados e tabuleiros de plástico que serviram durante a semana. A louça leva uma volta mais cuidada.

Um dos antigos gaiatos costuma vir, generosamente, rever as máquinas de escritório, de que ele é artista. Alguns com setotes

RETALHOS DE VIDA

Salvador

Chamo-me Salvador Ernesto Saraiva, mas a malta trata-me por «Dólo». Nasci na província de Malanje — Angola, em 03/05/80.

Vim para a Casa do Gaiato porque meus pais foram vítimas da catástrofe que houve por cá, em nossa terra. E depois fiquei com a minha tia, mas como não tinha possibilidades de me criar mandou-me pr'aqui onde fui acolhido com ternura.

Frequento o quarto ano do Ensino Básico e espero ter êxitos, pois já me encontro um pouco atrasado.

Mãe Maria — graças a Deus a nossa mãe — tem tido muita saúde para poder realizar os seus afazeres diários. E o trabalho da enfermaria, com tanto cuidado, que os nossos rapazes, agora, têm menos feridas.



Salvador Ernesto Saraiva

SETÚBAL

É preciso arriscar!

A inquietação aqui descrita, provocada pela situação da família a viver numa tenda, foi fonte de convincentes lições e insondáveis alegrias.

Aquela ordem dada de que alugassem uma casa foi um desafio de Deus!

Deus gosta de ser intimado para que manifeste o Seu carinho e a Sua dor pelos Pobres. Gosta, sim. Tenho-o experimentado muitas vezes ao longo da vida.

É tão agradável sentir a proximidade de Deus no cuidado com os Pobres!... Agradável, estimulante e demonstrativo da Fé que nos move!...

Tinha sido num domingo, pelas treze horas, que havia presenciado a abominável situação da sua morada na tenda, entre os chaparros.

Segunda e terça-feira seguintes foram dias de muita chuva. À tardinha deste último dia, ao chegar a Casa, encontro o par sen-

tado nos degraus de pedra da porta da rouparia, humilhados. Disparo de imediato no cumprimento: — Então já arranjaram casa?

Levantam-se e... vão-me explicando a custo... Que sim... mas custava trinta e cinco contos mensais!... que era necessário fazer um contrato!... e ... arranjar um fiador. Que tinham ido a uma imobiliária... mas tudo era tão difícil...

Peguei neles... que a hora ia adiantada — e estes esta-

blecimentos têm hora para fechar — e fui de imediato à agência.

O senhor conhecia-me! Nestas andanças, facilita o conhecimento.

Descrita a casa, quis, com os futuros inquilinos e o intermediário, observá-la no local.

— Que não havia naquele momento transporte!...

— Vamos no da Casa do Gaiato — atalhei.

E seguimos os quatro para a ver à luz de fósforos que íamos riscando em cada compartimento.

Apareceu o senhorio a quem expus a situação. O homem também me reconheceu e ficou comovido.

A Salvação é de todos e para todos os homens — inquilinos e senhorios. Todos têm direito. Ninguém deve ser excluído.

Aproveitei a ocasião e o senhor reflectindo, resolveu pedir o contador da água e da luz em seu nome.

Depois do cheque de setenta contos ficámos dispensados do contrato e do fiador!

Até as montanhas se arrastam à nossa frente, como diz o Mestre!

O tempo também ajudava. Chuva e trovões com toda a força!



Casa do Gaiato de Setúbal

pequenos e tesouras de podar cortam as pontas secas das laranjeiras. Dois, com mangueiras, regam jardins e árvores interiores.

O que percebe melhor de electricidade repara pequenas avarias que haja. Um grupo, com a camioneta, arruma a zona das velharias que já não servem. Outro, com o tractor, transporta pedra para a construção do muro novo. Ainda outro, acomoda pedidos das nossas Casas de África em caixotes para seguirem nos contentores.

Outros lavam os veículos. Toda a gente, grande e pequena, ocupada. Os trabalhos terminam com o banho e o carro de mão a levar roupa suja para a lavandaria. Depois é o almoço que também atrasa uma hora aos sábados. A tarde para brincar.

O Padre da Casa, perante o meu espanto, exclama: — *Só ao sábado é que temos gente para os trabalhos da Casa. Nos outros dias as aulas e os empregos ocupam todos.*

Vale bem a pena apreciarmos esta colmeia humana a remexer-se, feliz por se sentir valorizada e precisa. Temos visto muitos visitantes maravilhados com estas cenas da nossa vida.

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

Fui ao Porto

NA semana passada recebi a notícia do falecimento da mãe de um dos nossos, há muito doente.

Fui ao Porto com ele para que dissesse o «último adeus» a sua mãe. Procuramos acompanhar sempre este momento, obviamente intenso para cada um de nós.

Disseram-me que aquele bairro já fora um sossego noutros tempos. Agora, vivem lá dentro e nas imediações cerca de vinte mil pessoas. A degradação habitacional, lá, como nos demais semelhantes, é evidente. Parece que ninguém cuida de nada. Os prédios são de todos e de ninguém. Uma imagem triste! Por seu turno, a droga — que encontrou terreno fértil no desemprego, no insucesso escolar, na desmotivação da vida e decadência de valores — abriu fendas irreparáveis no potencial humano mais promissor: a juventude. Jovens na flor

da idade denotam um vazio e uma tristeza no olhar, impressionantes.

Depois de uma volta pelo bairro, o meu menino foi recebido pelos seus, afectuosamente, como eu não contava. Ele, gerado naquele bairro, é nosso há quase quatro anos. Trouxe-o até nós um negro quadro de vidas arruinadas... Tem agora 15 anos.

A defunta parecia ter sido esquecida perante o aparecimento inesperado do pequeno... Toda a gente queria ver o rapaz, perguntar-lhe coisas, falar com ele. Ali mesmo ouvimos afirmar delícias do Padre Américo... Palavras que o Porto, dele, sempre soube dizer melhor.

Foi belo o que ouvi... Até que alguém de família me queria ficar com ele. Ia sendo o meu desconcerto, neste quadro simpático.

A hora parecia ter ficado às avessas. O momento, de facto, não era propício. A emoção do reencontro es-

tava a sobrepor-se ao razoável. Socorri-me das minhas razões e direitos — que os tenho de consciência e de coração — e vim-me embora.

Enquanto rodava auto-estrada fora, conversámos longamente. Recordei quatro anos de intenso labor: dificuldades ultrapassadas e o «mais» que virá. Que tudo iríamos enfrentar sem nos colocarmos em posição de ataque contra ninguém até que nele desabrochem decisões maduras e norteadas por valores; por uma consciência livre de pressões, mesmo as de mais íntimo apreço, como as familiares ou de sangue.

Há contactos familiares que debilitam este senso e ponderação, sempre frábil neles, como é óbvio.

Fomos numa Obra de Misericórdia enterrar os mortos — que no entanto fez pensar nos problemas dos vivos que nos cercam. Assim devia ser sempre!

Padre João

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro: 71.524 exemplares.

O Fernando foi com a carrinha buscar a família e os tarecos ao chaparral. Acolhemo-los dois dias e três noites em nossa Casa.

Os Pobres são uma bênção. Vinham que nem pintos!

Estávamos a acabar o jantar. Os olhos de todos cravaram-se nas cinco personagens que entravam, naquele estado, no refeitório!

Depois de aquecidos e enxutos, servimos-lhes a refeição. Os rapazes, atentos e impressionados.

São as lições vivas da vida que eles tanto apreciam e tão bem lhes faz. Eu gozo esta bênção! É uma consolação inigualável!

Logo, uma série deles, dos mais velhos, prontos para irem aspirar a hospitalidade e fazer as camas!

Uma alegria em servir! São assim as bênçãos de Deus!

Ao outro dia um telefonema: — Se eu queria uma mobília de quarto de casal...

A gente até se arrepiava com a presença do Sobrenatural.

Telefonei também a um senhor que me havia oferecido uma, de sala de jantar!

— Ainda não a deu?

— Não.

— Dá-ma?

— Sim senhor, venha buscá-la!

Tínhamos um fogão, um frigorífico, uma máquina de lavar roupa. Comprámos um esquentador e gás.

Em dois dias compusemos a casa e instalámos a família!...

Agora é preciso pôr o homem a trabalhar! Ele tem serviço, mas o apetite é nulo. É a maior dificuldade... — que os pequenos estão na escola!...

Tudo seria vitorioso se não encontrássemos este escolho!

Continuamos a arriscar! O Evangelho é um risco contínuo.

É preciso arriscar, sempre!

Padre Acílio

Malanje dia-a-dia

15/10/96

NÃO temos dito do que nos dão. O Senhor que conhece tudo pelo nome, vai somando, somando... Maravilhoso este Banco! Não há enganos e os juros são cem por um.

Continua, mas não mandes para cá; os correios andam doentes. Põe nas nossas Casas de Portugal. Elas são fiéis e, belo!, costumam dar-nos cem vezes mais por cada!

Apesar das demoras e perdidos, algo tem chegado:

Todos os meses marcam presença o Adriano, de Braga, e o F. Rodrigues, de Baguim. Lá do planalto mirandês vieram a Fábria e o Padre Francisco. Prima Bernardete, de Carnaxide. E, de Vale de Cambra, por intermédio dum Governador, veio o Padre Martingo. De Algés, marcou presença a Dr.^a Maria de Fátima Pinto. Mais a Maria Regina, de Braga. De Felgueiras, a Ana de Carvalho. Muitas vezes, de Évora, o amigo Dr. Calejo. Mais, do Porto, Maria Eduarda, Maria Elvira e Luís Leitão. De Rio Tinto, A. Silva. Vieram de Lisboa: Aydé, Margarida Simões e Maria do Rosário. De Lagos, sempre presente, Nita Barroca. De Mogadouro, o amigo Tó Laurindo. Claro que nos tem chegado tudo o que nos têm mandado para as nossas Casas do Gaiato. Temos a todos no coração e presentes nas nossas orações.

20/10/96

A «Adra» é uma organização angolana não governamental, virada para o Povo e não para si mesma. Isto é belo e óptimo.

Está organizando e incentivando as lavras; ajuda o regresso às aldeias — dando af alimentos, sementes, catanas e enxadas.

No ano passado distribuiu milhões de estacas de madeira que daqui a meses darão fuba.

Também não esqueceu de dar a cada aldeia algumas cabras para o começo da reprodução.

Um sinal mais no meio de tanta apatia e inoperância.

22/10/96

NÃO vai longe o tempo em que o acesso às compras se fazia através dum cartão pessoal. Entre os produtos importados tinha honra de primeira mão — o vinho. Aconteceu que num convento de monjas a encarregada das compras teve de aceitar 30 garrafas de vinho para ter direito aos géneros. Claro que a superiora trocou a pinga por farinha, não fosse o ofício de matinas virar num fogo de roda.

Hoje há de tudo nas lojas; mas, sempre, no topo da tabela, as bebidas alcoólicas.

Há um consumo de álcool muito além das fronteiras do bom senso. Perigo certo para a saúde mental deste povo. O álcool embrutece.

Vinho e cerveja, em vez de leite e arroz... É olhar os contentores; as prateleiras dos mercados; os carrinhos e cestos dos clientes.

Pena que este problema não seja visto... Mais: que nem sequer seja considerado problema.

Padre Telmo

BENGUELA

Continuação da página 1

Ontem, alguém viu o João em nossa Casa e veio ter comigo partilhar a sua alegria. É que o garoto andava, de porta em porta, pelas ruas da cidade. Agora, parece outro. Porquê? Tem o seu lar. Sempre que passo em determinado lugar e estaciono a carrinha, um magote de garotos aproxima-se e senta-se à volta da árvore, até que termine os meus recados. Depois, fazem-se meus companheiros doutras voltas, até ao regresso a Casa. Não podem vir comigo, porém, porque a Casa está superlotada. As crianças e, sobretudo, as crianças da rua, pedem esmola e pedem um olhar e uma palavra de carinho. Não lhes dou esmola, mas poiso nelas o meu olhar e uma palavra de carinho. E continuam na rua? Sim, é uma seara para muitos mais trabalhadores.

Quem dera a Casa do Gaiato gere filhos valentes duma pátria grande e forte. Encontro-os na rua, muitas vezes, como cordeirinhos roubados à vida, fora da lei e do amor. Há que pô-los no seu lugar, quanto antes. Onde houver um cheirinho a família, para aí devem ser encaminhados. É que estes garotos, embora perdidos da família, não perderam o gosto natural de a ter.

Fui chamado a intervir na solução de mais um caso de crianças da rua. O pequeno dormia em qualquer canto e comia das migalhas que lhe davam. Tinha o ar de quem foi empurrado da aldeia para a cidade e ficou perdido num mundo sem nome. Trouxe-o comigo para Casa.

O apelo da família de sangue era muito forte. Descobriu-se a terra e o nome dum ou

doutro familiar. Ontem, ao princípio da tarde, seguiu de boleia, muito contente, à busca da família. Vai encontrá-la!? Vai ser acolhido? Era preciso, porém, dar este passo.

As acácias rubras são árvores muito lindas quando estão em flor. Quem as conhece sabe que digo a verdade. É o tempo delas. Esta manhã fiquei perdido, por algum tempo, a contemplar a beleza de uma acácia florida, perto da entrada da nossa Casa. Vi a esperança de uma Angola renovada a crescer. Angola vai para a frente. Está a emergir, pouco a pouco, das ruínas em que os seus filhos a mergulharam. Foi a destruição material e humana. Ficou, porém, um Resto que não foi destruído e sobre ele há-de fazer-se a recuperação. Um exemplo, de agora: Dois filhos, ainda muito pequeninos, ficaram sem o pai que os deixou e sem a mãe que os abandonou. Outra mãe recebeu-os sem condições, juntando-os aos seus filhos. É gente pobre. Pedi-nos ajuda e vamos ajudar mais. É sobre estes grandes valores que permanecem intactos em muitas vidas, que a Angola nova renascerá. Há razão para ter esperança.

Além e acima do panorama assustador da miséria material, estão os casos de miséria moral, muito mais dolorosa porque mais difícil, mais doentia e mais arriscada. Os dois pequeninos tiveram a resposta capaz de os salvar. Mas, os pais! A miséria moral aumenta assustadoramente. Ao mesmo ritmo cresce o número de órfãos e pais solteiros. As crianças da rua, nos grandes centros urbanos do litoral, são uma tragédia.

Queremos fazer nossas estas amarguras alheias e por amor delas medir o interesse e a solidariedade das forças vivas da nação. Ele há fortunas em Angola. Há fortunas pessoais ao lado da imensa pobreza e miséria do povo. A função e a responsabilidade social desta riqueza pode e deve ajudar a criar uma sociedade mais justa. É a função de bem servir. Mas, sem a cultura da solidariedade, na mente e na vontade da nova classe empresarial, o povo ver-se-á excluído do processo de desenvolvimento que se quer pôr em marcha. A solidariedade nacional é a alavanca do verdadeiro progresso, que não consiste, apenas, em produzir mais riqueza, mas em tornar todo o povo participante dessa riqueza. É no dar as mãos que

todos podem caminhar. A solidariedade exterior é necessária para pôr o processo em marcha. Oxalá não venha a fechar os corações cá de dentro, a pretexto da ajuda que vem de fora.

Estou a escrever estas linhas na festa de Jesus Cristo Rei do Universo. A palavra do dia diz como vai ser o «dar contas» da hora derradeira para quem tem fé e para quem a não tem. «Vinde benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós... Pois tive fome e Me destes de comer...» Vamos ser julgados pelo amor que pusemos em nosso viver; pela nossa solidariedade. Vida inútil e insensata? Não! Estamos a caminho do Natal!

Padre Manuel António

DOCTRINA



As Crianças são aurora que não deixa envelhecer a gente.

tiram toda a sua grandeza da maneira como Deus os conhece; se tu, quem quer que sejas, mereces o sorriso da criança que hoje te apresento e a bênção da velhinha que a acompanhou — se assim é, és feliz. Se não, não.

UM pequenino ao qual mando cortar pão numa padaria da Baixa, toma-o em suas mãos esfomeadas, mede, ajeita, afaga e sai mais eu as portas da casa. — Tu não comes, rapaz? — Não senhor; vou guardar em casa para quando a mãe vier do rio! E desaparece-me da vista numa labareda de alegria. Quem há que mereça, neste mundo, o sorriso da Criança pobre ou a bênção dos Desgraçados — quem? Se a tua fortuna tem esta riqueza, és despenseiro fiel; se não, és um mau ecónomo. E é que não és mesmo mais nada, senão uma coisa ou outra, muito embora tu cuides, e o mundo também, que és de outra maneira, ou que de outro modo te apreciem.

NUMA das ruas de Lisboa encontro um maltrapilho verdadeiramente horroroso à vista. Fitámo-nos. Ali perto é uma padaria. Entro mais ele.

— Só temos pão fino.

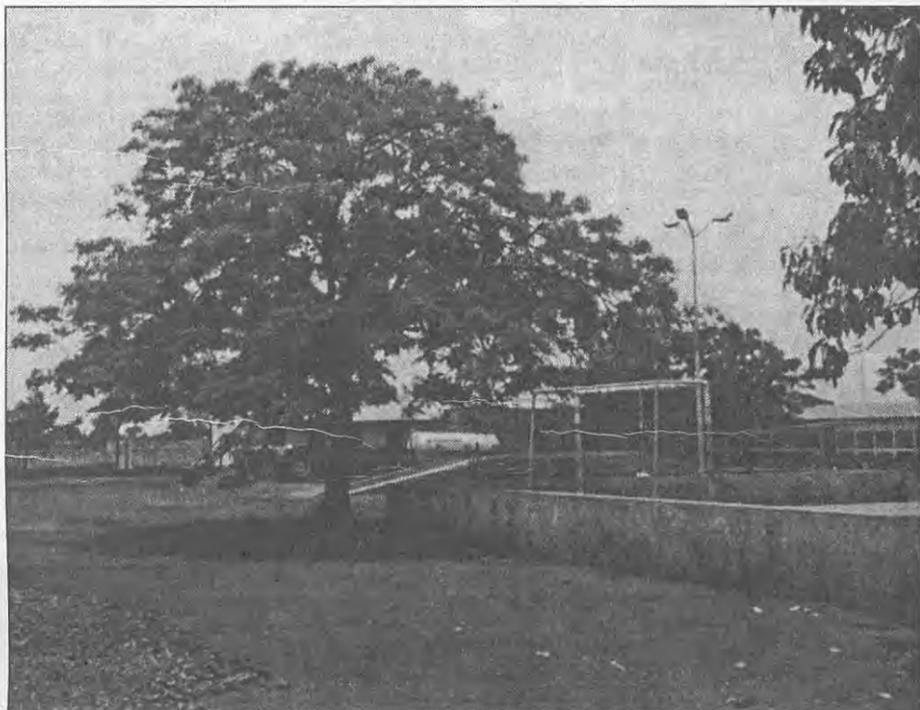
— Dê-me pão fino.

Espanto dos presentes! O rapaz sai com um casqueiro debaixo do braço. Ao recebê-lo das minhas mãos pecadoras, fulminou-me com tal olhar que os próprios farrapos que vestia mudaram de aspecto. Nessa mesma tarde, entre a multidão da Baixa, o garoto passa de novo, rentinho à minha beira como quem se quer dar totalmente; e desaparece dos meus olhos, numa fogueira de amor! O turbilhão que passa não dá fé; Deus não está nos ruídos.

SENHOR Vivo do Evangelho! Não há pessoa nenhuma na Terra que mereça os espinhos da Tua Cruz, que são o labor de quem trabalha a bem dos Teus Pobres. Ninguém; que a recompensa é fora e além de toda a medida! E para responder aos homens que chamam egoísmo ao desejo desta recompensa, nós dizemos que os porcos não sabem o que são pérolas; a qual recompensa não é buscada por ser recompensa, nem de maneira nenhuma procede da nossa vontade, mas sim da Justiça imanente de Deus.

O. António!

(Do livro Pão dos Pobres — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)



As acácias rubras são árvores muito lindas quando estão em flor

Visitantes

Continuação da página 1

Quantas vezes os nossos mais pequeninos nos vêm entregar moedas que lhes deram e eles sabem não poder aceitar, mas aceitam, violentados pela teimosia de quem dá. E quantas vezes essas moedas são apanhadas por outros mais espertalhões que as vão gastar indevidamente.

Ora aos domingos funciona um serviço de acolhimento aos visitantes que querem fazer suas entregas. É um dos chefes, escalonadamente, que recebe, reciba e dá contas. Se roupas, se gulodices, se brinquedos, estão as nossas senhoras que gastam a vida como Mães e gerem esses dons regradamente em benefício da comunidade.

Nós bem procuramos dar aos nossos rapazes o sentido da sua própria dignidade que os leve a rejeitar pessoalmente e a orientar para onde deve ser a generosidade dos doadores. Mas é

muito difícil, pequeninos como são, ou habituados a pedinchar e ao «cada um que se arranje» donde vieram; e ainda por cima pressionados pela insistência de quem deles se aproxima. Eu já tenho sido testemunha de casos destes e, naturalmente, que assumo o desagradável da inevitável intervenção.

Infelizmente, a maioria destes visitantes não são dos que nos amam com inteligência, nem lerão este desabafo. Mas um ou outro que sim, que tome nota dele e não venha, de consciência errada, aumentar os nossos trabalhos.

Padre Carlos